

# Conceptualizações metafóricas sobre o bandeirante e o indígena na revista *A Informação Goyana*

*Metaphoric conceptualizations about the bandeirante and the indigenous peoples in the magazine A Informação Goyana*

Amanda LELES Feitosa\*

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Leosmar Aparecido da SILVA\*\*

Universidade Federal de Goiás (UFG)

**RESUMO:** Essa pesquisa tem o objetivo de investigar as conceptualizações metafóricas sobre os bandeirantes e os povos indígenas em textos de caráter histórico. Referente à metodologia, quanto à natureza, é uma pesquisa aplicada; quanto aos objetivos, é uma pesquisa explicativa; quanto aos procedimentos técnicos, é uma pesquisa documental; quanto à abordagem, é uma pesquisa qualitativa. Para a concretização do estudo, nos embasamos na Linguística Cognitiva, a qual abriga a Teoria da Metáfora e Metonímia Conceptuais e a Semântica Sócio Histórica, relevantes na investigação de conceitos metafóricos e metonímicos através dos quais pensamos e agimos ao longo da História. Os textos analisados são treze artigos de opinião selecionados na revista *A Informação Goyana* (1917 - 1935). Os resultados revelaram que os textos analisados apresentaram o indígena por meio da metáfora INDÍGENA É ANIMAL e o não indígena como BANDEIRANTE É HERÓI CIVILIZADO.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística Cognitiva. Semântica Sócio-Histórico-Cognitiva. Conceptualização. Povos Indígenas. Bandeirantes.

**ABSTRACT:** This research aims to investigate metaphorical conceptualizations about the *bandeirantes* (men who explored the Brazilian West) and indigenous peoples, expressed in historical texts. Regarding the methodology, it is applied research, as for the objectives, it is explanatory research, as for technical procedures, it is document-based research, as for the approach, it is qualitative research. To carry out the study, we based ourselves on the area known as Cognitive Linguistics, in which we can find the Theory of Conceptual Metaphor and Metonymy and Cognitive Socio-Historical Semantics, relevant in the investigation of metaphorical and metonymic concepts, through which we think and act throughout History. The texts analyzed are thirteen opinion articles, selected from the magazine *A Informação Goyana*

---

\* Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. e-mail: [amanda.leles@discente.ufg.br](mailto:amanda.leles@discente.ufg.br).

\*\* Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. e-mail: [silva515@ufg.br](mailto:silva515@ufg.br).

(1917 – 1935). The results revealed that the texts presented the indigenous peoples through the metaphor **INDIGENOUS PERSON IS AN ANIMAL** and the non-indigenous as **BANDEIRANTE IS A CIVILIZED HERO**.

**KEYWORDS:** Cognitive Linguistics. Cognitive Socio-Historical Semantics. Conceptualization. Indigenous peoples. Bandeirante.

## **Introdução**

Neste trabalho, selecionamos textos dos anos de 1917 a 1935 da revista *A Informação Goyana*, com o objetivo de investigar as metáforas utilizadas como instrumentos cognitivos para construir uma narrativa específica acerca dos povos indígenas do centro do território brasileiro, e dos bandeirantes paulistas que vieram colonizar essa região. Dessa forma, buscamos contribuir para a construção de um panorama histórico semântico acerca do tema, além de exemplificar, por meio desta pesquisa, de que forma as metáforas podem ser utilizadas para processos cognitivos que ultrapassam os limites da língua, perpassando também a cultura, a formação identitária social, dessa forma influenciando ações. Pretendemos também perscrutar socialmente quais as ramificações do uso desses mesmos conceitos, pois falar, pensar e agir estão inter-relacionados.

Observamos que a língua portuguesa brasileira carece de mais investigações acerca dos processos cognitivos subjacentes que com e pela linguagem formam conceptualizações a respeito do mundo que nos cerca. Acreditamos que existe uma ligação entre os conceitos que perpassam a língua, utilizados há anos atrás e os que hoje utilizamos, já que as mudanças linguísticas são lentas, graduais e, na maior parte das vezes, invisíveis aos falantes (Faraco, 2005). Hipotetizamos que a mudança conceptual segue este mesmo padrão. Corrobora também essa hipótese a afirmação de Bybee (2007, p. 989), que diz que, para a Linguística Cognitiva e para o Funcionalismo, mudanças nas nossas conceptualizações do mundo ocorrem de forma concomitante com as mudanças linguísticas, e podem também ser graduais.

O gênero jornalístico foi escolhido por ser um texto de grande circulação, e por isso mesmo, uma ferramenta de divulgação e/ou manutenção de expressões e conceitos linguísticos, entre esses, os metafóricos. Por isso, esses textos são capazes de influenciar os leitores de sua respectiva época, além de serem capazes de construir, manter ou modificar narrativas de caráter social e histórico.

Os textos foram publicados na revista *A Informação Goyana*, uma revista de caráter propagandístico e informativo de potencial riqueza econômica que poderia advir do estado de Goiás, portanto, as intenções de seus autores eram justamente convencer, influenciar, dirigir o foco dos leitores para certos temas. De acordo com seu primeiro volume e número, de 15 de agosto de 1917, era “[...] mister tornar melhor conhecidos [...] o seu salubérrimo clima, as suas riquezas extraordinárias, suas fontes de vida, as suas possibilidades econômicas [...]” No entanto, *A Informação Goyana*, além de preocupar-se com o fator econômico do estado, preocupa-se também com a construção de uma identidade cultural e social diversa da que parecia haver no século XX o estado de Goiás, especialmente de acordo com as elites sócio-econômicas brasileiras. O diretor e a maioria de seus autores eram goianos, mas a revista era editada na capital federal da época, o Rio de Janeiro - Goiás provavelmente não contava com estrutura para este tipo de publicação. No primeiro número, do primeiro volume da revista (1917, p. 01), além de comprometer-se a divulgar as riquezas naturais no estado, a revista propõe-se também a “[...] refutar com factos e algarismos exactos as apreciações injustas que tantas vezes em livros e na imprensa se tem propagado ácerca da terra goyana.”

A colonização do território onde hoje é o Brasil se deu em princípio no litoral. “Até a década de 1530 os contatos eram intermitentes, com escambos realizados na costa, sem adentrar o continente [...]” (Milanez e Santos, 2021, p. 73).

A colonização do sertão se deu posteriormente. Segundo Oliveira (2012), o sertão é considerado um “lugar simbólico oposto à civilização” (p. 22), e que no final dos novecentos, o processo de interiorização dos sertões estava incompleto. Dessa forma, o interior do país era esquecido e mal visto pelas elites da capital.

Descontentes com o esquecimento da capital e do regime republicano (“Vinte e oito anos de regime republicano e nada fizeram ainda para o Brasil Central.” Ramos, vol. 01, n° 01, p. 09), seu diretor permanente, Henrique Silva, e colaboradores da revista, pedem por intervenções governamentais (como a construção de vias de transporte efetivas entre Goiás e outros estados para o aumento de exportações) e a atenção das elites para as riquezas de Goiás. Além disso, remontam a um passado populado por bandeirantes e indígenas da região. É com base nesse cenário que esta pesquisa procura responder às seguintes questões: de que forma remontam a esse passado? Quais conceptualizações do

bandeirante e do indígena são reveladas nos textos e como isso é construído linguisticamente?

Para a concretização do estudo, nos embasamos nos pressupostos da área conhecida como Linguística Cognitiva, a qual abriga a Teoria da Metáfora Conceptual e a Semântica Sócio-Histórica. Mais sobre esse arcabouço teórico será explanado na seção “Fundamentação Teórica” deste artigo, seguida pelo detalhamento da metodologia utilizada neste trabalho na seção de mesmo nome. A seção de análise e discussão dos dados explicita especialmente as expressões linguísticas mais relevantes para nossos objetivos, retiradas diretamente do material empírico, e apresenta uma interpretação interdisciplinar dos dados apresentados.

## 1 Fundamentação teórica

Este estudo está inserido na área da Semântica e toma como perspectiva teórica a Linguística Cognitiva (doravante LC). Apesar dos vários ramos da presente área, alguns pressupostos são comuns nas pesquisas de linguistas cognitivos.

Para a Semântica de orientação sociocognitiva, os significados são de natureza enciclopédica (Ferrari, 2020), ou seja, o conhecimento de mundo do ser humano é formado pela nossa experiência corporal com o ambiente, no qual são aprendidos os valores, os costumes, as crenças, a cultura, enfim.

Dessa forma, o conhecimento humano não é objetivo e abstrato, mas subjetivo e corporificado (Rohrer, 2007, p. 26). Segundo Lakoff (1987, p. xi),

[...] meaning is a matter of what is meaningful to thinking, functioning beings. The nature of the thinking organism and the way it functions in its environment are of central concern to the study of reason.<sup>1</sup>

É preciso ter em mente, portanto, que as conceptualizações humanas, ou seja, os conceitos aprendidos ao longo da existência humana (palavras com seus significados, construções gramaticais, ideias, raciocínios, crenças) não correspondem perfeitamente a

---

<sup>1</sup> “[...] o significado é uma questão do que é significativo para seres pensantes e funcionais. A natureza do indivíduo pensante e a maneira como funciona em seu ambiente são centrais para o estudo da compreensão.”

um estado de coisas no mundo. As conceptualizações que possuímos são necessariamente construídas por meio de *uma certa perspectiva, a nossa perspectiva no tempo, no espaço, na nossa cultura e sociedade*.

No que se refere à Semântica Cognitiva Sócio-histórica (SSHC), Santana (2019, p. 63) a define como um campo do conhecimento que busca

[...] compreender a inter-relação entre palavras e como essas conexões se desenvolvem no tempo, assumindo uma perspectiva imaginativa do significado, ao relacionar aspectos que antes eram vistos separadamente e passando a agir de forma conciliadora e integradora. Ademais, ela possui natureza psicológica e é experiencialista; a primeira, porque é preciso compreender a mente humana para se entender o desenvolvimento histórico do significado e suas variações, manutenções e mudanças; e a segunda, porque cognição e linguagem são corporificadas e determinadas pelas experiências dos indivíduos e de suas culturas [...].

A língua é uma ferramenta valiosa para a compreensão dos conceitos que permeiam o imaginário coletivo sincrônica e diacronicamente, pois metáforas e metonímias, por exemplo, que existem na língua, são, de acordo com Lakoff e Johnson (1982), importantes instrumentos conceituais. As metáforas mais comumente reconhecidas são aquelas do tipo X é igual a Y. Essas são produtivas na linguagem literária e pouco e não naturalmente usadas na língua cotidiana, ou em textos que se propõem factuais e informativos - como o são os jornalísticos ou documentais.

Embora essas metáforas possam ser úteis no mapeamento de metáforas conceituais, não são elas que nos interessam, mas as metáforas convencionalizadas da língua (Lakoff e Turner *apud* Croft e Cruse, 2004, p. 195), especialmente as utilizadas no dia a dia, e até mesmo aquelas usadas em discursos que se pretendem literais e objetivos, com um escopo muito distante dos textos literários.

Nas palavras de Grady (2007, p. 188), “within Cognitive Linguistics the term metaphor is understood to refer to a pattern of conceptual association [...]”.<sup>2</sup> Sobre a metonímia, Panther e Thornburg (2007, p. 236) afirmam que ela é

---

<sup>2</sup> “Na LC, o termo *metáfora* é entendido em referência a um padrão de associação conceptual [...]”.

a cognitive phenomenon - not a figure of speech - whose role in the organization of meaning (semantics), utterance production and interpretation (pragmatics), and even grammatical structure is considerable.<sup>3</sup>

Em outros termos, metáforas e metonímias não são figuras de linguagem utilizadas somente em textos artísticos literários, mas são difundidas na linguagem cotidiana e necessárias para a formação do pensamento. Isso é crucial, pois falar e pensar significa agir no mundo.

De acordo com Lakoff e Johnson (1982), as metáforas conceituais se formam através da transmissão de elementos de um domínio-fonte a um domínio-alvo, e podem ser do tipo *estruturais* (que estruturam um conceito em termos de outro), *ontológicas* (que conceptualizam elementos abstratos em termos de entidades e substâncias - como a personificação) e *orientacionais*, que utilizam como domínio-fonte nossas experiências humanas físicas, corporais em termos de espaço.

O modo como conceitualizamos eventos, situações, nós mesmos e outras pessoas rege a forma como vivemos no mundo sóciofísico e a forma como tomamos decisões, construímos nossa identidade e narramos nossas vivências. Por essa razão, ao pesquisar conceptualizações que se revelam com e pela língua sobre algo, podemos refletir a respeito de nossas ações passadas, presentes e futuras. Nesse sentido, os instrumentos apresentados - os conceitos metafóricos e metonímicos - nos permitem investigar de que forma falamos sobre a realidade, pensamos sobre ela, e de consequência, de que forma agimos em relação a ela.

## 2 Metodologia

Este estudo é de natureza qualitativa, descritiva e interpretativa. O material de análise é de valor documental e histórico, já que foi publicado na revista *Informação Goyana*, que circulou no Estado de Goiás de 1917 a 1935.

Como já dito, a revista propunha divulgar as possibilidades econômicas do Brasil Central, especialmente as do estado de Goiás. Vários textos publicados na revista

---

<sup>3</sup> “[...] é um fenômeno cognitivo - não uma figura de linguagem - cujo papel na organização do significado (semântica), produção do discurso e interpretação (pragmática), e mesmo na estrutura gramatical é considerável.”

reportavam sobre os limites geográficos do estado de Goiás, sua fauna, flora, rios, minerais e produtos locais. Apesar de editada no Rio de Janeiro, contava com goianos na função de diretor e na maior parte de seus colaboradores (mais de duzentos), segundo pontua Nepomuceno (2001).

A revista foi selecionada porque constitui relevante material histórico e cultural do Estado de Goiás. Além disso, como mencionado anteriormente, seus artigos foram escritos principalmente por goianos, o que nos fornece dados das metáforas conceptuais “vindas” do Estado e sobre ele.

Os textos selecionados para a análise dos dados são nove artigos, majoritariamente de caráter narrativo e histórico (como a série *As mil e uma noites do Sertão*, e os textos *Os Descobrimientos do Sertão* e *O estado actual dos índios de Goyaz, pelo dr. Paul Ehrenreich*), sendo alguns relatórios de expedições [*Os Bandeirantes do século XX*, *Exploração do Rio das Mortes (Conclusão)*, e *Uma catechese entre os índios do Araguaya Brasil*], e um de caráter descritivo (*O Índio como Colono*). Além disso, contamos com uma introdução a um livro de Moyses Santanna (*Os Buenos*), que não esclarece se se trata de uma introdução *ipsis litteris* da introdução da obra ou se de uma introdução feita por um outro autor não identificado à obra com caráter propagandístico. Os textos foram publicados entre os anos de 1917 e 1920. Abaixo segue uma tabela com o elenco dos textos analisados, especificados por título e autor, e divididos por ano de publicação:

**Quadro 1: objetos empíricos da pesquisa**

ANO	TEXTO	AUTOR
1917	<i>Os Bandeirantes do século XX: Nos sertões de Matto-Grosso - As riquezas das Minas dos Martyrios</i>	Sem autor
	<i>As mil e uma noites do sertão: seus pró-homens</i>	Henrique Silva
	<i>As mil e uma noites do sertão: seus pró-homens</i>	Henrique Silva
1918	<i>O estado actual dos índios de Goyaz, pelo dr. Paul Ehrenreich</i>	dr. Paul Ehrenreich, Tradução de Capistrano de Abreu
	<i>Os Descobrimientos do Sertão</i>	Moisés Santana

	<i>Exploração do Rio das Mortes (Conclusão)</i>	Sem autor
1919	<i>Uma catechese entre os índios do Araguaya Brasil</i>	Estevão Gallais
1920	<i>Os Buenos</i>	Introdução à Obra “Os Povoadores de Goyaz”, de Moysés Santanna
	<i>O Índio como Colono</i>	Sem autor

**Fonte:** elaboração própria

Os critérios para a análise dos dados foram os seguintes: 1) a natureza metafórica dos enunciados; 2) a referência ao bandeirante do século XVII; 3) a referência aos indígenas de maneira geral.

### 3 Análise e discussão dos dados

Nos primeiros dois números do primeiro volume (e no número 9 do volume 13) d’A *Informação Goyana*, existe uma seção chamada *As Mil e Uma Noites do Sertão*, de autoria de Henrique da Silva.

A primeira parte de *As mil e uma noites do sertão: seus pró-homens* elogia os bandeirantes paulistas, também chamados de sertanistas. Para Henrique Silva, esses homens foram esquecidos pela população e caíram em um “ostracismo histórico”. Vejamos os dados (01) e (02), a seguir:

(01) [...] não esqueçamos, por **justiça e gratidão**, os nomes dos seus primeiros desbravadores. [parágrafo]. É justo, é preciso destacar hieraticamente as **figuras legendárias** dos primeiros **descobridores**, melhor dito, restaurar o **culto** a um gênero de **heróis** que floresceram nos primeiros dias de expansão da nacionalidade brasileira, dando-nos o **espetáculo** dessa **epopéia** que nos enche de **assombro**: a **descoberta** dos sertões do interior - Goyaz e Mato-Grosso.

(02) Por outras razões, os aventureiros que **andavam à busca de Índios**, não mediam distâncias, não paravam diante de obstáculos; pelo que, países remotos, ficaram conhecidos bem antes que outros mais aproximados.” (Diogo de Vasconcellos - *História antiga de Minas Geraes* - é citado dentro do texto de Henrique Silva).



Em (01), as palavras *legendárias*, *heróis*, *espetáculo*, *epopéia* dão uma dimensão das concepções de Henrique Silva sobre os bandeirantes paulistas que vieram para Goiás. A palavra *legendários* relaciona os bandeirantes a lendas e mitos, nos quais, no geral, a narrativa básica conta com a figura de um herói tão digno de honra que se tornou lendário, inesquecível, louvável, super-humano, na qual subjaz a metáfora BANDEIRANTES SÃO LENDÁRIOS OU MÍTICOS. Outras metáforas aparecem como BANDEIRANTES SÃO HERÓIS e A DESCOBERTA DOS SERTÕES É UM ESPETÁCULO MEMORÁVEL. Interessante observar que o culto aos bandeirantes, mesmo diante do massacre de indígenas e da exploração do ouro, é considerado por Henrique Silva uma questão de justiça e gratidão.

Em (02), observa-se que, de fato, corroborando com as metáforas BANDEIRANTE SÃO LENDÁRIOS e BANDEIRANTE SÃO HERÓIS, outras palavras ativam esse frame na nossa mente, como *aventureiros*, que por sinal, passaram por vários desafios e *obstáculos* em suas andanças, como de fato costuma ocorrer em lendas e mitos na trajetória do herói. O autor também afirma que já quando vivos os bandeirantes eram conhecidos do público, alimentando a metáfora da LENDA.

Além disso, fica claro em (02) que, além de territórios físicos, os bandeirantes buscavam pessoas, os indígenas. Em outro trecho, o autor diz o seguinte:

*(03) Estas primeiras jornadas para o nosso Far-West, devemos las e a ninguém é lícito ignorar, aos heróicos filhos dos Campos de Piratininga - os pró-homens do sertão - pertence ao gênio paulista, que no dizer de Sylvio Romero é o filho mais velho da civilização e da organização brasileira, adiantou-se mais de um século ao Brasil inteiro. [...] S. Paulo antecedeu a todos nessa direção: foi o primeiro que pisou o sertão e dele se apoderou.*

Em (03), o autor ainda procura relacionar a interiorização da colonização no Brasil com a Conquista do Oeste norte-americano (fazendo uso do termo estrangeiro *Far-West* ao invés de *sertão*) e elogia São Paulo como região da qual provieram os primeiros bandeirantes.

Na segunda parte de *As Mil e Uma Noites do Sertão: seus pró-homens*, o autor faz um comentário sobre o episódio do truque do “incêndio” das águas pelo Anhanguera para ludibriar os indígenas. Conta a tradição que o bandeirante teria colocado fogo em um recipiente com aguardente, dizendo, porém, aos indígenas (não identificados de qual povo), que caso não lhe mostrassem o local de onde extraíam seus adornos de ouro, colocaria fogo em todos os rios e fontes da região. “Admirados, os índios informaram o

local e o apelidaram de Anhangüera (em tupi, *añã'gwea*), diabo velho” (Câmara Municipal de Mogi-Mirim SP). Henrique Silva, sobre o acontecido, opina:

(04) *este simples episódio da epopéia sertanista tem mais de grandeza homérica que todos quantos rezam as crônicas dos dias em que as tripulações das naves portuguesas desceram à terra do Brasil [...].*

A *epopéia sertanista* e a *grandeza homérica* novamente fazem alusão à metáfora BANDEIRANTES SÃO HERÓIS e BANDEIRANTES SÃO LENDÁRIOS. O herói do gênero narrativo *epopeia*, do qual os principais expoentes são as obras de Homero (*A Ilíada* e *A Odisseia*), são notoriamente privados de defeitos: “homem eterno aperfeiçoado, não específico e universal” (CAMPBELL, 1997. p. 13 *apud* Gonçalves, 2017, p. 222)

O ameríndio é chamado de *selvagem*, *gentio*, e possui *alma supersticiosa e ingênua*. Sobre ele também se diz: “A ‘ubira’ do **selvagem** já não desliza sobre o espelho das águas do majestoso Tocantins [...] e talvez nunca mais a flecha hervada do **gentio** descreverá sua curva **mortífera**, mensagem do **ódio aborígena**.” *Flecha ervada* significa flecha coberta de ervas geralmente envenenadas, que tornam sua *curva mortífera*. Aqui vemos a metáfora FLECHA É MENSAGEM DE ÓDIO INDÍGENA, e INDÍGENA É SELVAGEM HOSTIL.

Os textos *Os Bandeirantes do Século XX* e *Exploração do Rio das Mortes* são duas partes de um mesmo relato: o relato da “exploração” do Rio das Mortes pelo engenheiro José Feliciano Rodrigues de Moraes. “Exploração”, “expedição” e outros eufemismos são sempre usados no lugar de palavras como invasão, para tratar do roubo de terras que são geralmente já ocupadas por um povo indígena.

O engenheiro diz que os exploradores eram 53 homens,

(05) [...] *inclusive quatro índios, dous caiapós e dous chavantes, os quaes, trabalhando como remadores, podiam servir de intérpretes às tribos bravias dos Silvícolas destas duas nações que, além de muitas outras, infestam os [...] sertões do Rio das Mortes.*

Em (05), há o uso da forma verbal “infestam”. Seu sentido básico é o de invadir um lugar causando problemas. É uma palavra usada para pragas animais ou vegetais. Em (05), é usada de forma estendida para fazer referência aos indígenas. Isso contribui para a desumanização completa dos ameríndios, deslegitimando a ocupação daquelas terras por eles em torno do Rio das Mortes. O uso dessa expressão com referência aos indígenas

Caiapó e Xavante ativa a metáfora INDÍGENA É BICHO INVASOR. Ao longo dos séculos, essa metáfora vai se estabelecendo na memória coletiva, nos esquemas subjacentes (*frames*, modelos cognitivos idealizados) da mente daqueles que ouviram enunciados como este. Isso explica, então, na atualidade, a rejeição, o preconceito, a exclusão que alguns têm pelos povos indígenas.

Os indígenas Carajá, no entanto, que encontram o grupo de homens da exploração são elogiados, porque se mostram receptivos e gentis. Há uma troca de pescado e tartarugas da parte dos Carajás por “[...] farinha de mandioca, rapadura, anzóes, rosários [...]”. A descrição das indígenas Carajá, a seguir, mostram isso:

*(06) As índias carajás são virtuosas e cheias de pudor, e, até onde chegam os seus recursos, cobrem-se quase sempre por uma tanga. [...] São geralmente formosas, de constituição delicada, e trazem os cabelos compridos e soltos; elegantes e dotadas de muita agilidade, correm na areia como se fôra em terra firme e manobram com perícia admirável a Ubá (canoa) [...].*

No dado (06), as ameríndias são descritas como sendo virtuosas, porque cobrem seus corpos com tecidos, uma concepção de virtude e pudor mais ligada à modéstia cristã do autor. Na “Carta de Pero Vaz de Caminha”, similarmente, encontramos extensas descrições físicas dos povos indígenas. Uma consequência dessas é a desumanização, melhor descrita por Milanez e Santos (2021, p. 25, grifo nosso):

[...] os nativos não são simplesmente ‘homens’, ‘mulheres’, ‘velhos’: suas diferenças são exacerbadas - ‘bons rostos e narizes, bem-feitos’, ‘inocentes’. Mais tarde, essa descrição fenotípica contribuiria para a **construção da ideia de um ‘outro’**[...].

Nos perguntamos se, em 06, os elogios vários sobre as indígenas e sobre sua beleza física não contribuem também para a erotização dessas mulheres, principalmente tendo em consideração que o autor do texto é do sexo masculino. Também devemos considerar que o abuso sexual das mulheres indígenas se deu com frequência desde a chegada dos europeus em terras brasileiras, e continuou como prática entre os homens não indígenas nascidos no Brasil.

Continuando o relatório, quanto mais se aproxima do Rio das Mortes, o grupo se separa, sendo cada vez mais difícil seguir com tantas pessoas. Na página 59, Feliciano relata que “Guardando o bote ficaram oito camaradas bem armados e municados e com recomendação especial de terem toda a cautela, pois **era muito provável que fossem**

**atacados pelos Silvícolas [...].**”; mas não só esses vigias corriam perigo, estavam “[...] sujeitos todos nós ao **ataque traiçoeiro de milhares de selvagens**, habitantes daquelas longínquas regiões [...]” Neste trecho destacamos a metáfora conceptual INDÍGENA É FILHO DA SELVA TRAIÇOEIRO.

A exploração não obteve êxito, pois “[...] subjugado pela fadiga, sem víveres, e **perseguidos pelos selvagens**” (p. 69), o engenheiro que liderava os demais desiste da empresa. Retornando aos que guardavam o bote, descobrimos que um dos exploradores foi morto e perdeu-se o armamento em um conflito com indígenas, os quais não se especifica a qual povo pertencem. O indígena xavante avisara os companheiros do possível conflito, que não lhe deram crédito: “Um dos índios xavantes que ali ficara, com **instinto natural dos filhos da selva**, disse aos companheiros que os *caboclos estavam olhando o bote*.” De que se trata esse instinto natural, não se sabe. “Filho da selva” é mais uma variação do vocábulo “selvícola”, e mais um antônimo do que seria “civilizado”. Veja que a metáfora *filho da selva*, per se, não apresenta traços semânticos negativos, uma vez que está alinhada à metáfora compartilhada pelos indígenas de que a FLORESTA É MÃE. A estigmatização do povo indígena ocorre, porém, ao se observar o contexto maior e se contrapor *filho da selva x filho da civilização*. Ao *filho da selva*, são destinados atributos como *selvagem, deseducado, inculto, fora do padrão, leigo, involuído*. Ao *filho da civilização*, são destinados atributos como *civilizado, educado, culto, padrão a ser seguido, sábio, evoluído*.

O próximo texto é um “registro histórico”: *Os descobrimentos do sertão*. Baseado nos trabalhos do senador Diogo de Vasconcellos, o texto traz uma história da nação indígena Goya, dizendo que são “oriundos de raça melhor”, ao contrário da “nação Tupi”, que estivera “[...] paralisada no **estado rude e animalesco da sua origem**” (p. 87). Hipotetizamos que essa diferenciação serve também para construir um mito identitário que favorece o povo goiano em detrimento de outros povos, indo para isso buscar supostas vantagens genéticas inatas que teríamos herdado da nação indígena Goya. Aqui encontramos a metáfora conceptual INDÍGENA TUPI ESTÁ PARALISADO EM ESTADO ANIMAL ORIGINÁRIO. Constatamos que o verbo *paralisado* é condizente com outras metáforas: CIVILIZAÇÃO É LOCAL, CIVILIZAÇÃO É LOCAL MAIS ADIANTE DE LOCAL ANIMAL. Essas metáforas, por sua vez, dependem do esquema-imagético do contêiner, pois os estados *civilizado* versus *animal* (originário) são locais

nos quais as pessoas estão ou não estão. O local animal é originário e portanto mais primitivo (aqui entendido pejorativamente), e o local civilizado é distante do primeiro local animal, e mais adiante em uma escala civilizada de MAIS para MENOS civilizado, da esquerda para a direita: por isso substantivos como *avançado* podem ser utilizados para caracterizar esse local civilizado, e *primitivo* ou *originário* (ponto de origem entendido como ponto inicial de uma jornada no espaço) podem ser utilizados para caracterizar o local animalesco.

As razões que tornaram os Goya um povo tido em alta estima pelo autor se devia a serem uma “Nação **adiantada**, que vivia em aldeias, praticando a lei natural e cultivando a terra [...] e muito se distinguiram na história da **catechese**” (p. 88). Notamos aqui mais um uso da metáfora CIVILIZAÇÃO É LOCAL MAIS ADIANTE DE LOCAL ANIMAL, pois o vocábulo *adiantada* explicita claramente essa relação. No mais, a catequese é um elemento presente nesse local mais civilizado e, portanto, mais adiantado: fazer parte da Igreja Católica como fiel é um requisito para estar ou ser aceito no local da civilização.

Além disso, o autor continua: os indígenas possuíam “vocação para o progresso e **capacidade para o trabalho e para as lutas**” (p. 88) Também “se aproximaram de Pedro  lvares Cabral [...] com os **portugueses, nunca os abandonaram** nas horas de refregas contra outros povos.” (p. 88) Parece que os indígenas Goya eram estimados por serem úteis para o trabalho na província e de valor nas lutas dos colonizadores, com quem talvez tenham feito acordos, contra outros povos indígenas. De acordo com Milanez e Santos (2021, p. 16), mais do que “superioridade militar”, para a “[...] conquista do território onde se inventou o Brasil, foram fatores-chave as doenas epid micas, que dizimaram grande parte da populao nativa, e uma ampla política de alianas com chefias locais”, pois os europeus não conheciam as técnicas, motivos e armas de guerra ameríndias, e se aproveitaram de conflitos entre os povos nativos que já existiam muito antes de sua chegada.

O texto *O estado actual dos índios de Goyaz, pelo dr. Paul Ehrenreich*   uma traduo de Capistrano de Abreu do texto do etnólogo alemão (1855-1914). Nele, discute-se a respeito dos povos do centro do Brasil que, segundo o texto, pertencem “ s grandes naes Gás do centro.” Diz o texto que os Caiapó “[...] formam na realidade um dos povos mais numerosos e belicosos do Brasil”, e que os Caiapó do sul estão em conflito com

bandeirantes paulistas desde o fim do século XVII. Este texto comprova o que diz Rocha (1998), que bandeiras também foram organizadas com caráter punitivo, além do seu mais conhecido caráter de conquista territorial:

*(07) Tornando-se seus ataques cada vez mais ameaçadores, [...] organizou-se uma grande bandeira contra eles. [...] Diz-se que a maior parte da tribu ficou aniquilada. [...] Quando mais tarde começaram de novo os assaltos, conseguiu-se restabelecer a paz por boas maneiras. (p. 59)*

O que seriam “boas maneiras” não é descrito no texto. O autor continua: “Grande número deles depuseram as armas e submeteram-se aos governadores de Goyaz, que com eles povoou alguns aldeamentos” (p. 59) Ainda segundo Rocha (1998, p. 15), esses chamados aldeamentos serviam principalmente para retirar e afastar os povos indígenas das terras de interesse dos brancos.

Ehrenreich elogia a tarefa de “civilização” dos ameríndios, mais explicitamente civilização do tipo europeia:

*(08) Uma visita destas tribos poderosas e guerreiras, que continuam ainda totalmente virgens da influência europeia e tão cedo não serão chamadas ao grêmio da civilização, é que talvez a **tarefa mais bela e mais grata** a que se poderia propôr uma expedição ao interior do Brasil, empreendida propriamente para este fim. (p. 60)*

E da razão pela qual essa tal civilização seria necessária seria para promover a paz, a exemplo dos Apinajé, que “cada vez vão se civilizando mais” e, por isso, mantém “relações assaz pacíficas” com seus novos vizinhos não indígenas. A metáfora da evolução como movimento para frente (e mais evolução significa mais civilização europeia) rumo àquele lugar metafórico civilizado que está mais adiante do local animalesco é muito presente neste texto, pois o autor afirma que no centro do Brasil “os progressos da cultura são lentos nessa região” (cultura equivale àquela europeia).

Em (08) encontramos também as expressões metafóricas *virgens da influência europeia e grêmio da civilização*. Aqui a *civilização* é entendida ou como local ou como pessoa. Quanto ao *grêmio*, neste contexto, é um elogio às sociedades ditas ‘civilizadas’. Pode ser parafraseada como seio, colo da civilização. No entanto, em ambos os casos se trataria de metáfora ontológica, pois atribui características físicas a um ente abstrato a fim de compreendê-lo. E a *tarefa bela e grata* da expedição é chamar as indígenas ao grêmio da civilização.

Por fim, nesse texto traduzido, podemos citar uma certa desumanização e animalização que ocorre quando usadas as palavras *bravos* e *mansos* para falar sobre o povo Xavante. *Bravo* pode também significar corajoso e guerreiro, mas em oposição a *manso* só pode querer dizer *não domesticado, selvagem, fora dos padrões europeus*, termos que geralmente se usam quando falamos sobre animais. O trecho em que se encontram tais termos é o seguinte:

(09) Xavantes **bravos** não há mais entre o Tocantins e o Araguaya. Também os **mansos** se têm conservado apenas como raro resíduo em alguns aldeamentos [...] (p. 60)

Essa é uma variação da metáfora INDÍGENA É BICHO INVASOR, já previamente citada, na qual o elemento “invasor” é excluído, e na qual permanece INDÍGENA É BICHO ou INDÍGENA É ANIMAL. Essa metáfora conceptual é semelhante à metáfora conceptual INDÍGENA TUPI ESTÁ PARALISADO EM ESTADO ANIMAL ORIGINÁRIO, que vimos anteriormente. As metáforas conceptuais encontradas até o momento são coerentes entre si, formando um conceito de *indígena* específico encontrado na maioria dos textos analisados.

Continuando com a análise, no vol. 3, n° 04, ano 1919, encontra-se outra tradução, por Otaviano Esselin, de um texto do padre Estevão M. Gallais, *Uma catechese entre os índios do Araguaya Brasil*, de acontecimentos do ano 1901. Neste texto, as pessoas indígenas e não-indígenas, respectivamente, são categorizadas, respectivamente, como *índios* e *crístãos*. O padre visita a Aldeia ou povoação do Cadete Chico, onde havia “30 ou 40 pessoas, crianças inclusive” (p. 40). Antes de uma refeição “os nossos bons índios dançaram um pouco”, mas somente os homens, pois “em **país selvagem** só os homens têm o direito de dançar”.

Estranheza, exotismo e clara ligação entre o conceito de civilização e os modos de vida europeus podem ser encontrados em (10), a seguir:

(10) Para um homem que **chega da Europa todo impregnado do que se chama civilização**, acham-se de repente transportado para o meio de uma tribo **selvagem**, assistir a uma dança de índios Carajás, ao luar, à margem de um grande rio [Araguaia], no seio de uma natureza que assombra pela sua riqueza e magnificência, tudo isso produz uma **estranha impressão**. Parece sonho. (p. 40)

Em (10) também se encontra a metáfora CIVILIZAÇÃO É ODOR, ativada pelo uso do vocábulo *impregnado*. O autor faz ainda uma distinção entre *selvagem*, oriundo da selva, e *civilização*, oriunda da Europa. O que é oriundo da selva produz *estranha*

*impressão*: há uma ligação entre a metáfora conceptual INDÍGENA É FILHO DA SELVA e seus tons pejorativos feita em trechos como esse, que destacam elementos negativos causados pelo que é oriundo da selva e não emitem opinião quanto ao que é “civilizado” ou europeu. O que causa estranheza são os costumes indígenas, a “civilização européia” é natural ou pressuposta.

No volume 03, nº 12 da revista, transcreve-se um trecho de *Os Buenos: Introdução à obra ‘Os povoadores de Goyaz’*, por Moysés Santana (da Sociedade Goyana de Geografia e História)”, na qual o conhecido bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva é pintado como herói, mártir, homem nobre e de valor. Ressaltamos que no contexto cristão, ser mártir é uma honra. O autor reclama sobre a situação de pobreza financeira de Bueno na velhice e de seus descendentes:

(12) *Bartolomeu Bueno, primeiro descobridor de Goyaz e um dos mais distintos e nobres aventureiros da província de São Paulo! É realmente de lastimar-se que os gloriosos bandeirantes, que devastaram as terras do Brasil, em memoráveis incursões e heróicos feitos, viessem a sofrer tão amargos reveses [...] como aconteceu a Bartolomeu Bueno, filho e seus companheiros de Bandeira! Sertanistas de sangue, eles realizaram uma epopeia, com a sua jornada de 1722 a 1725 [...]; e como recompensa, em vez das garantias dos Alvarás e das regalias e privilégios que lhes eram devidos, vieram a receber o prêmio da perseguição e do cárcere [...] ou da extrema penúria, como acabou os seus dias, sofrendo, o heroico e abnegado Bartolomeu Bueno da Silva.*

O trecho (12) ativa novamente as metáforas BANDEIRANTE É HERÓI (o bandeirante Anhanguera é *distinto, nobre, glorioso, heroico e abnegado*), e DESCOBERTA DOS SERTÕES É UM ESPETÁCULO MEMORÁVEL (as atividades dos bandeirantes são *memoráveis incursões e heróicos feitos*, são uma *epopeia*)

Em *O índio como colono* as comunidades indígenas são chamadas de “hordas selvagens” e afirma-se que indivíduos indígenas entram em contato com os grupos não-indígenas por conta própria ou por:

(13) [...] *intermédio de outras tribos mais chegadas aos brancos, e conhecidas. Esses homens, que presentemente nenhum resultado dão como produtores, em futuro não muito remoto, podem com um tanto de habilidade de nossa parte, concorrer eficazmente para o engrandecimento da região central do Brasil. Em geral é boa e obediente a índole de nossos aborígenes [...]. Aqueles que são semi-mansos entram com facilidade para o serviço da navegação fluvial ou para as fazendas de criação de gados, mas quase sempre são vítimas de sua ignorância, boa-fé e brandura. [parágrafo] Homens há, e não raros, que têm o aluguel de um índio, por dois e três anos, em troca de uma espingarda, uma libra de pólvora e o chumbo correspondente. Se houvesse severa punição para tais abusos, se o esforço dessa pobre gente fosse pago em relação aos serviços prestados, por certo muito maior fora o número dos que já teriam com gosto entrado para o grêmio da civilização. [...] Então deveriam ir os diretores chamando a si os meninos dos dois sexos, não só para lhes dar instrução primária, como para incutir-lhes o amor do trabalho, único meio de chegarem a possuir o bem estar próprio da vida civilizada. [...] Se por outro lado, forem*



*favorecidas as uniões com indivíduos civilizados, estamos convencidos de que a população cruzada aumentaria por tal modo que em uma ou duas gerações desapareceriam os selvagens, deixando em seu lugar a melhor gente que se pode empregar nos diversos ramos da agricultura.*

Há muito a se dizer sobre o trecho transcrito em (13). Em primeiro lugar, observamos a grande atenção dada ao trabalho como condição essencial para que os povos indígenas “entrassem no grêmio da civilização” (ativando também novamente a metáfora ontológica CIVILIZAÇÃO É GRÊMIO). Este trabalho é certamente de moldes capitalistas, remunerado, legislado pelo Estado e com produção em grande escala para atender o Estado e/ou o país, pois não é que os povos indígenas não houvessem seus próprios meios de produção, mas esses geralmente eram de caráter familiar e sem capital envolvido, sem excedente capital extra que geraria lucro, e sua produção era circunscrita à comunidade indígena. Vimos anteriormente que a aptidão à catequese, a participação como fiel na Igreja Católica, podia ser considerado um requisito para participação neste local metafórico da civilização. O trecho (13) propõe como requisito para entrada nesse local o trabalho conforme regulamentado pelas exigências capitalistas. Por não participarem da Igreja ou das formas de produção não-indígenas, conclui-se que muitos indígenas não “entram” no local da civilização por não cumprirem tais requisitos. Tem-se, portanto, mais uma variação da metáfora ontológica CIVILIZAÇÃO É LOCAL: a variação CIVILIZAÇÃO É LOCAL COM ENTRADA RESTRITA.

Ademais, a última frase de (13) acena a um possível extermínio da população ameríndia, de sua cultura e seus modos de vida, como um positivo. Por que é tão querido este epistemicídio, o extermínio da cultura dos ameríndios e até os ameríndios em si como população, procurando “embranquecê-los” a partir do “cruzamento com indivíduos civilizados”? Além do que, as palavras “cruzamento” e “semi-mansos” também remontam a um léxico animalesco, metáfora que, mais uma vez, desumaniza esses povos. Talvez, pela concepção de que os **indígenas são animais**, é que se propõe o seu extermínio completo.

É verdade que o autor pede por justa retribuição pelo trabalho indígena feito para um contratante branco, no entanto, verificamos que ao mesmo tempo em que tenta advogar pelo justo tratamento dos ameríndios, o texto não falha em desumanizar essas pessoas.

Poderíamos, ainda, analisar mais textos nas publicações de *A Informação Goyana*, no entanto, percebemos que, com o material coletado, havíamos já recolhido várias provas

de metáforas conceptuais recorrentes que tratavam dos povos ameríndios e dos bandeirantes, e da narrativa que se tentou construir acerca desses grupos de pessoas.

Dito isto, identificamos algumas concepções acerca dos povos indígenas e as listamos a seguir:

- povos indígenas prejudicam as terras que habitam: é uma concepção construída pela metáfora INDÍGENA É BICHO INVASOR, que pode ser encontrada quando se fala sobre os indígenas que “infestam” terras e das “hordas de selvagens” que habitam próximo aos rios.
- povos indígenas são belicosos, hostis e perigosos: lembramo-nos dos textos que dizem sobre os povos indígenas que “traíçoeiramente atacam e perseguem” os exploradores não-indígenas, com suas “flechas mortíferas” e seu “ódio aborígene”. Essa conceptualização é reiterada pela metáfora FLECHA É MENSAGEM DE ÓDIO INDÍGENA e INDÍGENA É FILHO DA SELVA TRAIÇOEIRO.
- povos indígenas não são civilizados: essa concepção se fortalece a cada vez que os povos indígenas são chamados de “silvícolas”, “selvagens”, metaforicamente “filhos da selva”, “bárbaros”.
- porque não civilizados, povos indígenas não são evoluídos em uma metafórica escala de evolução, segundo a qual MAIS CIVILIZADO É MAIS EVOLUÍDO e vice-versa. A nação Tupi, por exemplo, nessa concepção, está “paralisada em um estado rude e animalesco”, ou seja, a nação tupi, na escala da civilidade/evolução permanece tão evoluída quanto os animais, sem modificar seu estado, sem “caminhar” na escala evolutiva, permanecendo em sua origem. Relacionadas a essa metáfora inicial, as metáforas ontológicas CIVILIZAÇÃO É LOCAL e CIVILIZAÇÃO É LOCAL COM ENTRADA RESTRITA estruturam e criam uma rede metafórica coesa para a compreensão do que significa ser civilizado ou não;
- um dos pontos cruciais que nos interessam na rede de metáforas sobre civilização são as metáforas conceptuais HUMANO É CIVILIZADO E ANIMAL NÃO É CIVILIZADO, e INDÍGENA É ANIMAL/BICHO: porque os povos ameríndios não são civilizados de acordo com uma concepção europeia de “civilização”, eles são, portanto, animalizados e desumanizados. Percebemos isso em todas as

instâncias, na análise dos dados, em que certos termos de caráter animalesco são usados para os povos ameríndios, e em todas as vezes em que ocorre sua desumanização.

Já em relação aos bandeirantes, percebem-se as seguintes concepções:

- os bandeirantes são heróis de epopeia: esta metáfora BANDEIRANTE É HERÓI é bastante prevalente. O herói é abnegado, pode ser um mártir, cumpre seu dever, é destemido. No geral, as narrativas divulgadas pelos textos a respeito dos bandeirantes se encaixam bem nessa metáfora. Como heróis, geralmente enfrentam um ou mais vilões, ocorre a vilanização dos povos indígenas, quando em comparação com eles. Outras metáforas que corroboram essa conceptualização são: BANDEIRANTES SÃO LENDÁRIOS OU MÍTICOS e A DESCOBERTA DOS SERTÕES É UM ESPETÁCULO MEMORÁVEL.

Essas metáforas conceptuais criam as dicotomias, tais como: *humano* e *animal*, *civilizado* e *selvagem*, afirmando como verdadeira uma categoria de “ser humano” baseada em um ideal europeu. Mas esse separatismo entre grupos de pessoas criado e reforçado pela língua não é algo recente. Stewart (1975, *apud* Edwards, 2009) fez algumas descobertas que demonstram o favoritismo de grupos para seus próprios participantes, e também o separatismo desses mesmos grupos em relação a outros. Isso se reflete nos nomes escolhidos para si mesmos e para os outros, pois o pesquisador observou que muitos nomes de tribos (pelo menos em seus estágios primitivos, ou seja, na origem e etimologia dos termos) seriam equivalentes ao pronome *nós*, podendo desenvolver-se para a designação *pessoas*, *ser humano*, ou até mesmo *pessoas especiais*. Aqueles fora da tribo seriam então estranhos, *outros*, *eles*, podendo até mesmo ser considerados não humanos.

A partir do exposto acima, hipotetizamos que os articulistas dos textos analisados tenham escrito seus artigos tendo em mente essa conceptualização primitiva de *outro* ou *estranho* que remete aos primeiros nomes tribais, ao tratar dos povos indígenas, fundamentando-se para isso em dois pilares: no pilar da igreja e no pilar da “civilização” (no sentido de sistema-mundo da cristandade). Se os povos indígenas não praticavam o cristianismo nem seguiam um modelo de produção e vida capitalista e eurocêntrico, eles poderiam ser categorizados como intrinsecamente diversos dos povos não-indígenas de uma forma pejorativa, o que poderia trazer como consequência sua desumanização.

Essa hipótese se confirma, pois nos textos analisados neste trabalho, pudemos perceber a palavra *bárbaros*, *incivilizados* e outros vocábulos semelhantes, como *selvagens*, *rudes*, *silvícolas*, *gentios*; todos apontando para um mesmo conceito: o conceito de não-civilizado. O que é pressuposto como “civilizado” nesses textos são os modos de vida dos povos colonizadores, que podemos chamar de sistema-mundo da cristandade (Brito, Rezende e Lima, 2021). O Estado apropria-se de uma tradição religiosa e a torna a norma de vida pressuposta, inata ou única. Todos os que transgridem a norma são, portanto, desumanizados, ou então, para que sejam humanizados, devem adotar o modelo de vida da cristandade. De fato, a catequese era vista como um *instrumento civilizatório*.

Além da religião, outro instrumento utilizado pelos brancos para trazer os indígenas a viver conforme sua ideia de civilização era o trabalho nos moldes do capitalismo. Segundo Rocha (1998), essas duas atitudes: a da catequização e a do trabalho advinham de duas correntes ideológicas adotadas pelas elites brasileiras, a quem cabia a formulação da política indigenista:

Duas das principais correntes ideológicas do século XIX, o Positivismo e o Evolucionismo, transformaram-se pouco a pouco numa espécie de senso comum das elites intelectuais. Estas [...] seriam as formuladoras da política indigenista do Império. Civilizar era, então, a resposta para o problema do índio e um ideal a ser alcançado. (p. 40)

O positivismo e o evolucionismo são as bases ideológicas para a metáfora **MAIS CIVILIZADO É MAIS EVOLUÍDO**, em uma escala imaginária de menos para mais. Essas duas correntes de pensamento pressupõem que uma sociedade sempre “evolui”, caminhando “para frente”, na escala evolutiva e civilizatória, e que sociedades ameríndias eram menos evoluídas e, portanto, menos civilizadas do que as sociedades europeias. Dessa forma, os povos não-indígenas poderiam justificar o epistemicídio dos ameríndios e seu “cruzamento” com povos não-indígenas para exterminar suas formas de vida e produção. Ainda segundo Rocha (1998), os conceitos “civilizado” e “selvagem” surgiram no século XIX de uma forma que ainda vemos presente nos textos analisados do início do século XX:

Assiste-se ao surgimento de um novo conceito para diferenciar os europeus dos não europeus, ou seja, o conceito de ‘selvagem’ em oposição ao de ‘civilizado’. A velha ideia do bom selvagem, que concebia a vida selvagem como natural,

autêntica e de excelência moral, é substituída pelo novo conceito de selvagem, significando raça inferior, menos desenvolvida, preguiçosa e à qual deveriam ser ensinados os modos de vida civilizados. Os selvagens agora são vistos como um obstáculo a ser vencido na marcha para o progresso e civilização dos povos. Civilização, nesta concepção, identifica-se com sociedade ocidental, estabelecendo-se uma tipologia das sociedades relacionada ao seu nível tecnológico: do mais primitivo (selvagem) ao mais avançado (a sociedade europeia). (p. 39)

Ademais, Lakoff (1987, p. 85) aponta que estereótipos sociais são usados para definir toda uma categoria, ou para os propósitos de nossa pesquisa, todo um grupo de pessoas.

[...] estereótipos sociais podem ser usados para uma categoria como um todo. Estereótipos sociais são geralmente cômicos e objeto de discussão pública. Eles são sujeitos a mudar com o tempo, e podem se tornar questões públicas. Já que eles definem expectativas culturais, eles são usados na razão e especialmente no que chamamos de ‘tirar conclusões precipitadas’.

Ainda que eles *possam* ser desafiados, não significa que eles sempre *o são*. Isso significa que criando um estereótipo para um indígena como indivíduo, ou para uma aldeia indígena, essa mesma conceptualização estereotipada pode se estender à categoria *indígenas e povos indígenas* de forma geral, por isso, devemos dar importância aos nomes dados aos indígenas nos textos jornalísticos. Termos pejorativos contribuem para criar uma imagem conceptual socialmente difundida e aceita por muitos ou pela maior parte dos membros de nossa cultura e sociedade, especialmente pelos povos não-indígenas, que pretendiam enriquecer-se com as terras que originalmente eram habitadas por povos indígenas. Essencialmente, o deslocamento dos povos indígenas de suas terras, justificadas por uma caridosa “catequização”, ou sua necessária “inserção social” na comunidade não-indígena e no seu sistema econômico de produção, foram o argumento que buscavam os “exploradores” em busca de terra, riqueza, e mão de obra.

Concretamente, essas conceptualizações construídas a partir das metáforas conceptuais que encontramos e elencamos nessa pesquisa, levaram, por exemplo, à construção de monumentos e nomeação de vias públicas e praças que homenageiam bandeirantes. Em Goiânia, na Praça Atílio Corrêa Lima (antiga Praça do Bandeirante), no Setor Central, foi inaugurado em 1942 o *Monumento ao Bandeirante*, criado pelo artista plástico Armando Zago, e tombado em 1991 (iPatrimônio). O monumento

representa Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, e é feito em bronze, com três metros e meio de altura.

**Figura 02: Monumento ao Bandeirante, por Armando Zago**



**Fonte:** Goiânia – Estátua de Bartolomeu Bueno da Silva, iPatrimônio.

Disponível em: <<https://www.ipatrimonio.org/goiania-estatua-de-bartolomeu-bueno-da-silva/#!/map=38329&loc=-16.670399824780837,-49.26265239715576,15>>. Acesso em maio de 2024

Observa-se que o bandeirante traz consigo uma espada e uma arma de fogo, que pode indicar a matança indígena e o roubo de suas terras, interpretada pelos seus apologistas como “desbravamento da região”. Na outra mão uma bateia, indicando sua busca de metais preciosos; e na cabeça o chapéu e nos pés as botas, elementos que fazem parte do “herói aventureiro” no imaginário coletivo.

Não existe, na cidade de Goiânia, um monumento equivalente a esse dedicado especificamente às nações indígenas que habitam e habitaram no Estado de Goiás.

## **Conclusões**

Os textos jornalísticos do início do século XX, que tratam de diferentes situações envolvendo povos indígenas ou alguns de seus membros, criaram e reforçaram conceptualizações separatistas e pejorativas acerca desses povos, usando, para isso, a religião católica e o pressuposto do que seria definido como civilidade. Além disso, é importante notar que nenhum dos textos analisados trouxe a perspectiva indígena nem de forma direta, nem de forma indireta: não existem entrevistas ou falas de indígenas ou de seus representantes, não existem detalhes a respeito de suas formas de religião e

organização social, e não existem justificativas de ordem prática (e não tomadas como pressupostos óbvios) para a modificação das formas de vida indígenas ou de seu necessário deslocamento, expulsão de suas terras ou catequese.

Já em relação aos bandeirantes, procurou-se construir a metáfora BANDEIRANTE É HERÓI, usando para isso uma série de termos ao se referir a eles: *pró-homens, corajosos, abnegados*, participantes de uma suposta *epopéia sertanista*. Interessante notar que o herói da epopeia não luta por questões individuais, mas coletivas, querendo dizer que, além de heróis corajosos, os bandeirantes teriam trazido benefícios ao seu povo. Já para os povos ameríndios, o contato com os bandeirantes trouxe doenças com as quais eles não podiam se proteger, violência e roubo de suas terras.

É preciso refletir sobre a linguagem e as palavras que usamos, pois elas revelam nossas conceptualizações e nos ajudam a criá-las, construindo as bases para nossas ações no mundo. O fato de que é tido como necessário o extermínio dos modos de vida indígenas justificou, por exemplo, a tomada de suas terras e a violência praticada contra eles, a favor da construção de uma sociedade “civilizada”, idealizada. Isso permitiu, por exemplo, que os povos não-indígenas tomassem terras indígenas sem nenhuma resistência da sua própria população (isto é, da população não-indígena), de órgãos do governo, ou de organizações que deveriam proteger os direitos fundamentais humanos, como a Igreja Católica.

O fato de que os textos analisados são do século passado não inviabiliza que tais conceptualizações estejam ainda presentes na compreensão de mundo de várias pessoas. A criação e difusão de novas metáforas a respeito de nós como seres humanos iguais e acerca dos direitos fundamentais que possuem todas as pessoas pode ser um meio de cultivar uma sociedade mais igualitária e pacífica.

Por fim, ressaltamos que este texto pretende provocar reflexão e, conseqüentemente, uma mudança conceitual, ou de perspectiva. Os povos indígenas não foram e não são o único grupo passível de desumanização<sup>4</sup>, mas todos os que não são idealmente o humano do sistema-mundo da cristandade atualizado, no qual vivemos hoje.

---

<sup>4</sup> Vale fazer um parêntesis dizendo que, apesar da violência que atravessa a história dos povos indígenas no Brasil, essas populações são ativas na luta para reter suas terras e sua cultura. Como exemplo, podemos citar a inauguração da Década das Línguas Indígenas no Brasil, cujas informações podem ser encontradas no seguinte endereço eletrônico: <<https://www.unesco.org/pt/articles/lancamento-oficial-da-decada-internacional-das-linguas-indigenas-no-brasil>>.

Apesar de sermos fundamentalmente influenciados por nossas experiências e por esse sistema no qual vivemos e do qual fazemos parte, isso não quer dizer que não possamos refletir acerca dele e buscar mudanças. “Da perspectiva extracolonial de diversidade (Santos, 2015), no mundo, cabem muitos mundos, quantos existirem, com direito à existência.” (Brito, Rezende e Lima, 2021).

## Material analisado

**A Informação Goyana - a revista de Henrique Silva editada no Rio de Janeiro e distribuída no Brasil entre 1917 e 1935 (coleção fac-similar).** Livro em CD-ROM, AGEPEL, Goiás, 2021 (material digitalizado).

## REFERÊNCIAS

**Bartolomeu Bueno da Silva:** O Anhanguera. Home, Câmara Municipal de Mogi-Mirim, SP. Disponível em: <https://www.camaramogimirim.sp.gov.br/bartolomeu-bueno-da-silva-o-anhanguera#:~:text=Diz%20a%20lenda%20que%20as,todos%20os%20rios%20e%20fontes>. Acesso em maio 2024.

BRITO, Laura de Pina Ferreira; REZENDE, Tânia Ferreira e LIMA, Hildomar José de. **Educação Linguística Plural para a Consolidação dos Direitos Humanos para a Diversidade.** Cadernos de Linguagem e Sociedade, 22 (1), 2021, pp. 253 - 271.

BYBEE, Joan. Diachronic Linguistics. In: CUYCKENS, Hubert; GEERAERTS, Dirk. **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics.** Nova Iorque, Oxford University Press, 2007; pp. 945 - 989.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta de Pero Vaz de Caminha.** Portugal, Torre do Tombo, Gavetas, Gav. 15, mç. 8, n.º 2. Disponível em: <https://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2010/11/Carta-de-Pero-Vaz-de-Caminha-transcricao.pdf>. Acesso em jan. 2024.

CROFT, William; D. Alan, CRUSE. **Cognitive Linguistics.** Nova Iorque, Cambridge University Press, 2004.

EDWARDS, John. **Language and Identity.** 2009, Cambridge University Press.

EHRENREICH, Paul. **O estado actual dos índios de Goyaz, pelo dr. Paul Ehrenreich** - Tradução de Capistrano de Abreu. Vol. 02, n.º 04, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1918, pp. 59 - 60.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas.** São Paulo, Parábola Editorial, 2005.



FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. 1 ed., São Paulo: Contexto, 2020.

GALLAIS, Estevão. **Uma catechese entre os índios do Araguaya Brasil**. Tradução de Octaviano Esselin. Vol. 03, nº 04, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1919, pp. 39 - 41.

GENTIO. *In*: Glossário - **O Arquivo Nacional e a História Luso-Brasileira**. Disponível em:

[http://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6297:gentio&catid=2075&Itemid=121](http://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6297:gentio&catid=2075&Itemid=121). Acesso em jan. 2024.

**Goiânia** – Estátua de Bartolomeu Bueno da Silva, iPatrimônio. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/goiania-estatua-de-bartolomeu-bueno-da-silva#!/map=38329&loc=-16.670399824780837,-49.26265239715576,15>. Acesso em maio de 2024.

GRADY, Joseph E. Metaphor. *In*: CUYCKENS, Hubert; GEERAERTS, Dirk. **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Nova Iorque, Oxford University Press, 2007; pp. 188 - 213.

LAKOFF, George; MARK, Johnson. **Metafora e Vita Quotidiana**. Edizione Italiana a cura di Patrizia Violi. 1 ed, Espresso Strumenti, 1982.

LAKOFF, George. **Women, Fire and Dangerous Things**. Chicago, The University of Chicago Press, 1987.

MILANEZ, Felipe; SANTOS, Fabricio Lyrio. **Guerras da Conquista: da Invasão dos Portugueses até os dias de hoje**. Rio de Janeiro, Harper Collins, 2021.

NEPOMUCENO, Maria de Araujo. **Apresentando a Informação Goyana**. AGEPEL, Goiânia, 2001.

OLIVEIRA, Paulo Roberto de. **Dois Visões sobre o Sertão na Passagem do século XIX para o século XX: do administrador Leite Moraes aos propagandistas de “A Informação Goyana”**. Revista Fronteiras, Dourados, vol. 14, nº 25, pp. 19 - 33, 2012.

ROCHA, Leandro Mendes. **O Estado e os Índios: Goiás, 1850 - 1889**. Goiânia, Ed. UFG, 1998.

ROHRER, Tim. Embodiment and Experientialism. *In*: CUYCKENS, Hubert; GEERAERTS, Dirk. **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Nova Iorque, Oxford University Press, 2007; pp. 25 - 47.

SANTANA, Moizés. **Os Descobrimentos do Sertão**. Vol. 01, nº 08, Rio de Janeiro, 15 de março de 1918, pp. 87, 88.

SANTANA, Neila Maria Oliveira. **Estudo Sócio-histórico-cognitivo das conceptualizações e categorizações do AMOR em cartas dos séculos XIX e XX.** Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, 2019.

SELVÍCOLA. *In: Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.* Editora Melhoramentos Ltda., 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/silvicola>. Acesso em Ago. 2023.

Sem autor. **Exploração do Rio das Mortes** (Conclusão). Vol. 01, nº 06, Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1918, pp. 69 - 71.

Sem autor. **Os Bandeirantes do século XX: Nos sertões de Matto-Grosso** - As riquezas das Minas dos Martyrios. Vol. 01, nº 05, Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1917, pp. 58 - 59.

Sem autor. **Os Buenos.** Vol. 03, nº 12, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1920, p. 148.

Sem autor. **O Índio como Colono.** Vol. 04, nº03, Rio de Janeiro, outubro de 1920, p. 24.

SILVA, Henrique. **As mil e uma noites do sertão:** seus pró-homens. Vol 01, nº 01, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1917, p. 03.

SILVA, Henrique. **As mil e uma noites do sertão:** seus pró-homens. Vol 01, nº 02, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1917, p. 22.

UBIRA. *In: Dicio: Dicionário Online de Português.* Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ubira/>. Acesso em jan 2024.